

Guerra à droga perde cientista

LINA DE ALBUQUERQUE

Uma das mais conceituadas especialistas no estudo de drogas no País, a psicóloga, cientista e escritora paulista Jandira Masur, morreu de câncer na quinta-feira, às vésperas de completar 50 anos. Professora do departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, Jandira publicou mais de cem artigos científicos no Brasil e no exterior. O primeiro capítulo de seu último livro, *Drogas — Subsídios para uma discussão*, em co-autoria com o marido, Elisaldo Carlini, psiquiatra e professor de Psicofarmacologia, foi reproduzido na edição de fevereiro do *British Journal of Addiction*, revista inglesa que reúne as mais importantes pesquisas sobre drogas no mundo inteiro.

Desde outubro de 1988, Jandira Masur vinha coordenando o projeto que inaugurou a unidade de tratamento para dependentes de drogas na Escola Paulista. Desenvolvido no começo da década no Canadá e patrocinado por um órgão das Nações Unidas, esse método visa abreviar o tempo de internação dos viciados. Segundo a biomédica Maria Lúcia Formigoni, que dividia com Jandira a coordenação do projeto, a pesquisa se encontra atualmente na etapa destinada ao acompanhamento dos pacientes após um ano de término do tratamento.

Na opinião do médico e amigo pessoal Sérgio Stella, responsável pelo seu diagnóstico de câncer no intestino grosso, em junho do ano passado, Jandira era uma pessoa de excelente humor, querida e respeitada por todos os funcionários da Escola Paulista de Medicina. Autora de *A Questão do Alcoolismo* (1984) e *O que é toxicomania* (1985), ela desafiou a comunidade científica em 1968 ao desenvolver um trabalho pioneiro sobre a maconha no Brasil, resultado de uma tese de doutorado orientada pelo marido Elisaldo Carlini. A psicóloga sempre combateu a eficácia de programas educativos que exageraram os efeitos das drogas com o objetivo de diminuir o consumo. Em entrevista ao Estado, em 1º de fe-



Itamar Miranda/AE

Jandira: trabalho pioneiro e sério

vereiro, esclareceu: "As pessoas precisam estar cientes de que a maconha é prejudicial à memória, mas seus efeitos são reversíveis com o abandono do uso".

Jandira Masur escreveu ainda cinco obras infantis elogiadas pela crítica. A última delas, *A conversa das palavras*, recebeu o prêmio de melhor literatura infantil de 1988 da Associação Paulista dos Críticos de Arte. Na edição de setembro/outubro do *Jornal da Universidade de São Paulo*, José Sebastião Witter, professor do departamento de História, que a conheceu por volta de 1959, chamou atenção para as várias facetas da psicóloga: "A versatilidade e a paixão com que se dedica a tudo o que faz são sua marca registrada". Witter gosta da sua apresentação da "amizade", encontrada no livro *A conversa das*

palavras: "Não deixo ninguém ficar sozinho — esta é a minha função. Sou como cimento que junta tijolos. Sou como manteiga juntando o pão. Quando me perguntam 'amizade, você acaba?' respondo sempre que não, se eu for bem cuidada". Jandira deixou quatro filhas. A caçula, Cláudia Masur de Araújo Carlini, de 19 anos, conta que os primeiros livros infantis foram inspirados em conversas que tinha com a mãe quando criança. No dia do velório, Cláudia deixou uma página aberta do livro *O frio pode ser quente* (1979), próxima ao seu corpo: "Por que será que numa noite a lua é tão pequena e fininha e na outra é tão redonda e gordinha para depois ficar de novo daquele jeito estreitinho? Depende do quê? Depende do jeito que a gente vê", dizia.